
MEARSHEIMER, JOHN J. POR QUE OS LÍDERES MENTEM: TODA A VERDADE SOBRE AS MENTIRAS NA POLÍTICA INTERNACIONAL. TRAD. ALEXANDRE WERNECK. RIO DE JANEIRO: ZAHAR, 2012.

Gabriela Alves de Borba¹

José Renato Ferraz da Silveira²

Por que os líderes mentem: toda a verdade sobre as mentiras na política internacional (*Why Leaders Lie: The Truth About Lying in International Politics*, em inglês) do professor de Ciência Política e codiretor do Programa em Política de Segurança Internacional na Universidade de Chicago, John Mearsheimer, é uma obra incisiva que trata de um tema pouco abordado no campo das Relações Internacionais: a mentira.

Mearsheimer é conhecido pela clássica obra *A tragédia da Política das Grandes potências* (*The tragedy of Great Power Politics*, em inglês) lançada em 2001. O autor ficou conhecido por ser membro da corrente teórica conhecida como realismo ofensivo, sendo este uma variável do realismo político. O realismo ofensivo tem como maior premissa: o Estado como principal ator do Sistema Internacional (SI). É uma teoria de abordagem estrutural, ou seja, acredita que a anarquia internacional é imutável. Mearsheimer avalia que os Estados nunca estarão plenamente satisfeitos com a sua quantidade de poder. Dessa forma, eles sempre buscarão maximizar tal poder. Vale frisar outra obra de destaque de Mearsheimer no qual ele é coautor com Stephen Walt em *O Lobby de Israel e a política externa dos Estados Unidos* (*The Israel Lobby and U.S. Foreign Policy*, em inglês) de 2007. Além disso, Mearsheimer possui uma profícua produção de artigos nos principais periódicos estadunidenses e vários capítulos de livros.

No livro *Por que os líderes mentem: toda a verdade sobre as mentiras na política internacional* de 2012, Mearsheimer faz uma contribuição significativa à crescente bibliografia sobre a mentira na política nacional e internacional.

O mundo pós-Guerra fria que se encerra com o 11 de setembro – Era do terror - potencializa uma rica e distinta agenda de novos temas das Relações Internacionais – isso já se refletia na década de 90. Temas como o meio ambiente, os direitos humanos, a questão dos refugiados, análise de política externa, entre outros, tornam-se tópicos indissociáveis da área de pesquisa em Relações Internacionais, embora os temas securitários ainda sejam relevantes.

Mearsheimer (2012) é um teórico preocupado ainda com a segurança internacional, pois, no seu entendimento todos os Estados possuem capacidade militar ofensiva. De acordo com o autor, uns possuem esta capacidade mais desenvolvida do que os outros. E uma reflexão que norteia as suas principais premissas é que os Estados nunca têm certeza das intenções dos outros. Por isso, Mearsheimer (2012) diz que o objetivo principal do livro em questão – fruto de um artigo não publicado sobre mentira – é oferecer alguns quadros analíticos que possam ajudar a organizar o modo como pensamos sobre a mentira na política internacional, bem como algumas afirmações teóricas sobre aspectos-chave do assunto. Assim sendo, Mearsheimer busca preencher um vazio de teoria sobre mentira internacional.

¹ Gabriela Alves de Borba é estudante do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

² José Renato Ferraz da Silveira é coordenador e professor do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Líder do Núcleo de Pesquisas em Relações Internacionais de Santa Maria (PRISMA) e do Grupo de Teoria, Arte e Política (GTAP).

O livro está estruturado numa breve introdução (p.19-32) e nove capítulos com os respectivos títulos: o que é mentir (p.33-39); inventário de mentiras internacionais (p.40-44); mentira entre Estados (p. 45-69); difusão do medo (p. 70-91); acobertamentos estratégicos (p.92-101); mitos nacionalistas (p.102-108); mentiras liberais (p.109-115); a desvantagem de contar mentiras internacionais (p. 116-134); conclusão (p. 135-139).

Na **introdução (p.19-32)**, Mearsheimer apresenta os fatos ligados ao governo Bush cujos envolvidos se esforçaram para os Estados Unidos invadirem o Iraque ao afirmarem estar certos de que Saddam Hussein possuía armas de destruição em massa (ADM's). O autor afirma que o governo Bush, na escalada rumo à Guerra do Iraque, contou 4 importantes mentiras:

- a) Figuras-chave no governo alegaram falsamente saber com toda certeza que o Iraque tinha armas de destruição em massa;
- b) Eles também mentiram quando disseram que tinham evidências seguras de que Saddam Hussein era aliado próximo de Osama Bin Laden;
- c) Membros do governo Bush fizeram diversas declarações que indicavam falsamente que Saddam teve alguma responsabilidade nos ataques do 11 de setembro nos Estados Unidos;
- d) Vários integrantes do governo, incluindo o próprio presidente Bush, afirmaram ainda estar abertos à resolução pacífica de suas controvérsias com Saddam, quando na verdade a decisão de ir à guerra já havia sido tomada.

Mearsheimer pontua, historicamente, que os presidentes americanos contaram a seus concidadãos uma série de importantes mentiras sobre questões de política externa ao longo de sete décadas. Ele cita os casos de Franklin D. Roosevelt, que mentiu sobre um incidente naval em 1941 para ajudar a lançar os Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, e Lyndon B. Johnson, que mentiu sobre os eventos no golfo de Tonquim, em agosto de 1946, a fim de obter o apoio do Congresso para declarar guerra contra o Vietnã do Norte.

O autor adverte que em nenhum dos casos o presidente ou seus assessores mentiram para obter ganhos pessoais, mas, sim, por acreditarem estar agindo em prol do interesse nacional americano. Dessa forma, Mearsheimer – com a visão utilitarista³ – compreende que existem boas razões estratégicas para os líderes mentirem para a opinião pública interna, assim como para outros países. Mearsheimer difere duas razões diferentes dos líderes mentirem: mentiras estratégicas, que os líderes utilizam com o objetivo de ajudar seus países a sobreviverem no caos das relações interestatais; e as mentiras egoístas, que pouco têm a ver com a *raison d'État*, e sim buscam proteger seus próprios interesses pessoais ou de seus amigos. Na obra, o autor trata somente das chamadas mentiras estratégicas.

Mearsheimer diz que sua análise se pauta em torno de quatro questões:

- a) Quais são os diferentes tipos de mentira internacional contadas pelos líderes?
- b) Por que eles mentem? Quais são as lógicas estratégicas que motivam cada tipo de mentira? Especificamente, quais são os benefícios potenciais da mentira que levam os líderes a se engajarem nesse comportamento desagradável, quando não nocivo?
- c) Quais são as circunstâncias que fazem cada tipo de mentira mais ou menos provável?
- d) Quais são os custos potenciais do mentir para a política interna de um Estado, assim como para sua política externa? Quais são as desvantagens de contar mentiras internacionais?

³ Com relação à mentira, os utilitaristas, veem vantagens na prática por razões de Estado.

Destacamos os dois primeiros capítulos, sendo que no primeiro capítulo, intitulado **O que é mentir (p. 33-39)**, Mearsheimer concebe como necessário definir enganação que engloba os três comportamentos (mentira, torção e omissão) e também definir o que é dizer a verdade. Feita as diferenças conceituais entre dizer a verdade e enganação, Mearsheimer desenvolve os conceitos de mentira, torção e omissão.

No segundo capítulo intitulado **inventário de mentiras internacionais (p.40-44)**, Mearsheimer afirma que no campo da política externa, os líderes podem dizer sete diferentes tipos de mentira:

- a) Mentiras interestatais: direcionadas diretamente para outros países, quer para obtenção de uma superioridade estratégica sobre eles, quer para impedi-los de obter uma vantagem à custa do país que produz a mentira. Normalmente, esse tipo de mentira é dirigida aos países rivais, mas os Estados por vezes mentem para seus aliados. Embora o público alvo não seja o seu próprio povo, os líderes envolvidos na mentira interestados acabam por enganá-lo.
- b) A difusão do medo: ocorre quando um líder mente para seu próprio povo a respeito de uma ameaça de política externa que ele acredita que os cidadãos não reconhecem ou desconhecem em sua inteireza. O objetivo é claro, motivar o público a levar essa ameaça a sério e a fazer os sacrifícios necessários para combatê-la. Os líderes acreditam que exagerar uma ameaça específica serve ao interesse nacional.
- c) Acobertamentos estratégicos: mentiras destinadas a ocultar políticas fracassadas ou políticas controversas da população e algumas vezes mesmo de outros Estado, sendo que o objetivo é proteger o país de danos.
- d) A mitificação nacionalista: quando os líderes contam mentiras, principalmente para seu próprio povo, sobre o passado de seu país. O objetivo é criar um forte sentimento de identidade, pertencimento de grupo na população mais ampla, algo necessário para a construção e a manutenção de um Estado nação viável e para motivar as pessoas a lutarem em guerra por sua pátria. Esses mitos ajudam os Estados a ganhar legitimidade perante outros Estados.
- e) Mentiras liberais: destinadas a encobrir o comportamento dos Estados quando ele contradiz o amplo conjunto de normas liberais.
- f) Imperialismo social: ocorre quando os líderes contam mentiras sobre outro país a fim de promover seja seus próprios interesses econômicos ou políticos, seja aqueles de uma determinada classe social ou determinado grupo de interesse.
- g) Acobertamentos deploráveis: têm lugar quando líderes mentem por razões egoístas sobre seus erros ou suas políticas malsucedidas. O objetivo é proteger a si ou a seus amigos de uma merecida punição.

De acordo com Mearsheimer (2012), essas sete variedades de falseamento abrangem a maior parte do universo das mentiras internacionais. Mearsheimer não se preocupa em analisar os dois últimos tipos (imperialismo social e acobertamentos deploráveis) porque não há nenhuma boa justificativa estratégica para eles. O interesse do autor é avaliar as mentiras ditas a serviço do interesse nacional. Mentiras estratégicas que beneficiam a coletividade. O foco, portanto, está sobre os cinco tipos de falseamento estratégico: mentiras interestatais, difusão de medo, acobertamentos estratégicos, mitificação nacionalista e mentiras liberais. Desse modo, Mearsheimer constrói argumentos logicamente sólidos ao longo dos demais capítulos e os ilustra com evidências históricas.

O autor adverte que não faz testes de uma forma sistemática e não apresenta evidências que deem suportes a essas proposições. Na concepção de Mearsheimer, essa tarefa está além das possibilidades desse livro, no qual o objetivo é a preocupação em fornecer um modelo teórico para pensar a mentira internacional. E, por fim, considera que outros estudiosos poderão testar sistematicamente alguns dos argumentos apresentados no livro.

Por que os líderes mentem: toda a verdade sobre as mentiras na política internacional é obra indispensável para estudiosos e demais interessados em temas específicos da política internacional. Esse estudo realista sobre mentira na política internacional, portanto, é um instigante produto acadêmico que merece ser aprofundado. Podemos afirmar que essa obra propedêutica é, na realidade, um verdadeiro catálogo das "mentiras que as nações contam umas às outras". Para Mearsheimer, se a principal meta do Estado é a sobrevivência, os líderes políticos mentirão seletivamente e quando forem obrigados a fazer em nome do interesse do Estado. O livro trata dessa lógica própria e imperiosa da mentira na política internacional – queiramos ou não – estão envolvidos Estados, governantes e governados.

Portanto, este "pequeno tratado da mentira" é uma ousadia intelectual que oferece ao leitor "as potentes pulsações dos indivíduos que exercem atividades de governo e, também, as surdas movimentações das conjunturas relacionadas ao poder. (SILVEIRA, 2012, p. 13)

* Resenha recebida em 29 jun 2017,

Aprovada em 30 jan 2018.